

PREÂMBULO

AÇÃO E REAÇÃO

Toda ação produz consequência. Não há atitude (ato causal) que não gere efeito. Nada é aleatório. Nada age ou existe sozinho. Para cada força considerada ação, há outra força chamada reação e por serem distintas, não se anulam mutuamente (3ª Lei de Newton) O universo tem suas leis inteligentes, perfeitas, específicas, sustentadoras da realidade, da unicidade, em todos e quaisquer planos: físico, mental, etérico, extrínseco, intrínseco, além de outras dimensões que ainda nos são inteiramente desconhecidas.

Unicidade, aliás, cuja maior parte é autônoma, nos é oculta. Astros que se movem em órbitas sem aparente interferência, na mais perfeita sincronia. Processos metabólicos de alimentação, digestão, respiração, circulação, dentre tantos, que compõem a inteligência orgânica e que operam sem nossa consciência. Tudo é interrelacionado, interconectado, em complexas teias de causalidade e efeito. Questão de unidade, harmonia, que nos cabe reconhecer, reverenciar, congregar por atos, palavras, pensamentos. Plenitude, imãs apurados, respeito, preito à vida, antes de tudo, para que possamos ser retribuídos.

Segundo Aristóteles, o ser humano tem disposição para o mal – na incontinência, bestialidade, malícia – atributos simbolizados, zoomorficamente, por Dante, na genial “Divina Comédia”, em onça, leão e lobo. Por outro lado, para Rousseau, nascemos e somos puros, porém a civilização nos corrompe. A ignorância voluntária, segundo teólogos, é o não usar a capacidade de discernir para se resolver os problemas, não distinguir o certo do errado. Não querer ver a realidade, não querer tomar consciência dos erros, julgarmo-nos padrões de perfectibilidade, eis os maiores culpados diante da Lei Divina.

A vida, em todo o processo evolutivo, se robustece, se renova continuamente, para o que todo ente deve cooperar. Ao ser humano, cabe papel maior, fundamental, pois é ele o depositário, o colaborador criado e predestinado para a Vinha Divina. Segundo S. Tomás de Aquino, “tudo quanto existe é destinado por Deus a determinado fim” (Suma Teológica I, q.2, a.3) Toda a Obra divina – perfeita, imarcescível - nos é apresentada, consagrada, de forma de que tornemo-la reflexo e expressão da Ordem Incriada, projetemo-la em todos os atos e em todo seu esplendor em louvor ao Pai. Perseverança, sabedoria pessoal, o encontro da fé e obra, renúncia, estudo, tornando-nos assim espelho, transcendência de Deus no mundo.

O Evangelho, base e escopo da Legislação Divina, a nos reger toda evolução e salvação, é preciso: “Cada um será recompensado segundo suas obras” (Mt 16:27) “O galardão que tenho é premiar a cada um segundo suas obras” (Ap 22:12) E com uma enfática afirmação: “Das ovelhas que o Pai me confiou nenhuma se perderá” (Mt 18:14).



Trilhos e trilhas

Não faltam capítulos na História mostrando a importância do transporte ferroviário no Brasil. Que o diga o Campo das Vertentes, sua trajetória econômica e as inúmeras personagens que embarcaram e desembarcaram em estações locais.

É aí que desponta a Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), em funcionamento desde 1878 a partir de um decreto imperial. Há de se falar, também, na Estação de Ibitutinga. Construído nos arredores de Ritópolis, às margens do Rio das Mortes e da atual BR-494, o complexo se encontra desativado desde 1983. Uma relíquia de 1887 abandonada.

Pág. 04 a 08

Diagnósticos fatais

Em 1919 a República perdeu um presidente, Rodrigues Alves. O motivo? Uma gripe que, além dele, vitimou outras centenas de milhares de pessoas no país. Algo traumático numa América do Sul que havia testemunhado, no século XVI, a morte de 15 milhões de astecas por Febre Entérica. Uma lista razoável de epidemias assolou diferentes partes do mundo e foi parar nos livros, representando as fragilidades humanas – e medicinais – de suas respectivas épocas.

Pág. 10

O Manganês

A famigerada Revolta dos Manganeses completou 100 anos em 2018. Mas se nesse capítulo da história regional o apelido não deixa boas lembranças, o Dr. Dirceu Lima da Trindade traz em seu livro, “Augusto, o Manganês”, uma outra perspectiva. A publicação narra as memórias da personagem que dá nome ao impresso, um minerador carioca de nascença que passou pela região, casou-se com a são-tiaguense Baptista Maria de Lucca e trabalhou em diferentes comunidades. Engana-se, porém, quem pensa que o relato se restringe a Augusto. Na prática, o livro “projeta valiosíssimos flashes sobre a história de nossa região, em especial os municípios de São Tiago e Conceição da Barra de Minas em inícios do século XX”.

Pág. 15

Por muito te amar



“Ele olhou-a novamente com dignidade e, tomado de gratidão, disse-lhe não poder, pelo menos naquele momento. Talvez, quem sabe, mais tarde, aceitasse o seu convite – e viria prazeroso visitá-la. Decepcionada, indignada, a sedutora dançarina afastou-se praguejando”.

Pág. 16

ADIVINHAS

- 1- Por que o time de basquete contratou um sapo?
- 2- O que é, o que é? Nunca passa e sempre está na frente?
- 3- O que é o que é? Voa sem ter asas e chora sem ter olhos?
- 4- Qual é o cúmulo da higiene mental?

Respostas: 1- R. Porque ele sempre aceita na mosca; 2- O futuro; 3- A nuvem; 4- Lavar a alma

Provérbios e Adágios

- Embora coxeando o castigo segue o crime
- O amor e o reino não querem parceiros
- Não se pode o orador deixar-se levar pelo furor
- O mau carpinteiro põe a culpa na ferramenta



“O encontro inesperado, as situações inusitadas, o que não foi combinado, mas tinha que acontecer”.

(Rubem Alves)

“Compaixão não é uma relação entre o curador e o ferido. É uma relação entre iguais. Somente quando conhecemos bem a nossa escuridão, podemos nos mostrar presentes na escuridão do outro. A compaixão se torna real quando reconhecemos a humanidade que compartilhamos”.

(Pema Chodron, monja budista americana)

“O segredo da vida não é o que acontece com você, e sim, o que você faz do que acontece com você”.

(Norman Vincent Peale)

Para refletir

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira e Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

ANEDOTA

Conta-se que, certa vez, um casal de fazendeiros de casamento marcado em São Tiago, data, horário, igreja ricamente enfeitada, festa pronta, convidados a postos. Tempestade torrencial naquela tarde. Matriz cheia. Pe. José Duque aflito, nervoso. Sacristão tentando acalmá-lo. Faltavam os noivos e seus pais. Não havia como proceder a celebração.

Depois de mais de uma hora de atraso, ainda sob enorme tempestade, eis que chegam os retardatários.

Pe. José aguarda calmamente a chegada dos noivos no altar e diz de uma vez:

- Não vou fazer esse casamento depois de tanto atraso...

E o noivo no mesmo tom:

- Tudo bem. Mas, essa noite, nós já vamos dormir juntos.

E o padre:

- Dormir juntos vocês podem. Não podem é ficarem acordados.

Carlita Coelho.

DI VER GEN TE

Certo cidadão, conhecido por ser enfadonho, chato, acercara-se do Conselheiro Lafaiete Rodrigues (1834-1917). Encurralara-o com sua conversa maçante, longa, pernóstica, desagradável, não deixando o conselheiro trabalhar. O Conselheiro preferiu silenciar-se, deixando o interlocutor falar praticamente sozinho.

Passado algum tempo, o homem, ali por perto, indagou de Lafaiete Rodrigues:

- Senhor Conselheiro, esse seu estrabismo é convergente ou divergente?

Sem titubar, Lafaiete respondeu:

- Não, senhor, ele é di ver burro...



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



AO PÉ DA FOGUEIRA

BUROCRACIA TERRIFICANTE

A instituição beneficente mantinha atendimento a famílias carentes locais, mormente crianças e mães. Recebia, para tal, mediante convênio, pequena subvenção federal, repassada pela antiga LBA. Sobrevivia, no mais, às duras penas, com campanhas de levantamento de fundos – rifas, doações avulsas, alguns colaboradores dadivosos, altruístas.

Prestava contas, rigorosa, religiosamente, da parca dotação pública. A bem da verdade, uma ninharia. Uma burocracia ferrenha, despropositada na hora da prestação de contas: notas fiscais, balancetes, planilhas, um calhamaço encaminhado mensalmente, via Sedex, à sucursal do órgão na Capital. Prazos exíguos, normas extremamente exigentes. Fora as rigorosas, por vezes humilhantes inspeções in loco processadas por técnicos do órgão oficial.

Assim era feito regularmente, sem maiores problemas, o que perdurou por tempos. Certo dia, porém, a direção da entidade recebe uma notificação, com AR, recheada de mil ameaças. Não fora prestada conta da verba anterior, dando-se o prazo de oito dias improrrogáveis para a devida regularização. Eram listados, em letras garrafais, os crimes a que se sujeitavam a instituição e seus diretores, dentre eles o de apropriação indébita, concussão etc. todos passíveis ainda de execução, de inclusão na dívida ativa da União, processos junto ao Ministério Público Federal, Receita, Polícia Federal, Tribunal de Contas e por aí afora. Nos dizeres do arrogante ofício, uma parafernália de delitos cometidos pela diretoria, ali subitamente suspeita, constrangida, todos os diretores voluntários, dedicados à causa social e ao amparo à criança. Tratados, na prática, como bandidos...

A diretoria responde a execranda notificação, esclarecendo que tinha prestado todas as contas, dentro do prazo legal, anexando cópia-recibo do AR, por sinal firmado por funcionário da própria LBA. Nenhuma irregularidade observada.

Daí a dias, perplexos todos, recebe a Instituição nova e terrificante notificação, oriunda do setor jurídico, tons sombrios, dantesco palavreado. Eram rejeitadas as justificativas anteriores e concedido um prazo especial de 48 horas para a prestação das contas em atraso, sob pena das competentes ações legais. Linguagem própria para servos medievais. Inquisição explícita, a lei da chibata em

vigor, quem sabe, aguardando os espantados dirigentes, masmorras, galés, pelourinho!

Decidem os diretores, deslocarem-se na manhã seguinte até a Capital. Para tal, despesas com ônibus, refeições, quem sabe pernoite. Constrangimento, indignação aflorados. Munidos das cópias dos documentos, chegam à sede do órgão, nas adjacências da Assembleia Legislativa do Estado. São encaminhados ao Departamento Jurídico, atendidos por um procurador. Exibem a notificação, explicam estar havendo um engano (porquanto a prestação de contas já fora entregue), apresentam inclusive o AR comprovando o recebimento, com a assinatura, identificação e carimbo do funcionário do órgão.

O dito procurador mal olha os documentos apresentados. Ante os diretores atônitos, diz-lhes: - Sei perfeitamente, sabemos todos aqui, que a Instituição prestou contas, tanto assim que os Srs. tem todos os comprovantes em mãos. Ocorre, contudo, que os papéis, embora sob nossa guarda, sumiram aqui dentro. Alguém aqui, por equívoco, protocolou em lugar errado, jogou no lixo, fez o diabo, daí vocês estarem inadimplentes. Para todos os efeitos burocráticos, não houve a prestação de contas. O Poder Público no Brasil, todos sabemos, é intocável, infalível (pelo menos, ninguém assume erros e responsabilidades), tenho que reconhecer, acha-se acima do bem e do mal. O órgão ou funcionários, acobertados pelo manto estatal, aqui jamais darão o braço a torcer. Sobra apenas para a parte mais frágil, que são vocês. Se vocês insistirem em afirmar que prestaram contas, não havendo o contraponto da documentação física, que todos sabemos extraviou-se aqui dentro, vocês irão responder a mil e um processos, a terem dores de cabeça futuras, convênio será suspenso, aborrecimentos de toda ordem, processados pela União, tornados civilmente inidôneos.

Dando um largo fôlego, esclareceu, conciliador: - O que posso fazer, considerando a boa-fé de todos, é acolher a entrega das 2ªs vias que os srs. tem em mãos, isso é, os Srs. confessando que houve atraso (aleguem sinistros, que extraviaram-se as 1ªs vias, etc.) e assim daremos por solucionado o presente contratempo.

Num País desse nível, sem segurança jurídica, onde o cidadão e contribuinte são tratados na base da chibata, como escravos, piores do que cães sarnentos, fazer o quê?!





ESTAÇÃO DE IBITUTINGA

Situada nas proximidades de Ritápolis⁽¹⁾, às margens do Rio das Mortes e da hoje rodovia BR-494, a estação de Ibitutinga, importante no passado – embarque/desembarque de passageiros e cargas - acha-se atualmente abandonada. Inaugurada em 20 de janeiro de 1887 com o nome de Estação “Santa Rita”, situava-se no km 116,900 da chamada “Linha do Paraopeba” ou “Linha do Sertão” Viria a ser fechada em 1983, com a desativação da rede ferroviária em toda a região e Estado, diz-se, por pressão de montadoras multinacionais de veículos instaladas no País, que, para tanto, aliciaram e corromperam (“propinaram”) poderosos políticos de nosso Estado. Um prejuízo incalculável para todos. Um crime de lesa pátria, como tantos outros.

A ferrovia “Linha do Paraopeba” ou “Linha do Sertão” pertenceu às seguintes empresas: Estrada de Ferro Oeste de Minas (1887-1931) Rede Mineira de Viação (1931-1965) Viação Férrea Centro Oeste (1965-1975) RFFFSA (1975-1984).

A palavra “Ibitutinga” em língua indígena significa “nuvem branca”. O chamado “trem do sertão” por ali passava rumo à estação de Aureliano Mourão em Bom Sucesso, onde havia uma bifurcação com uma linha ou ramal se estendendo até Lavras (a partir de 1888) e a principal seguindo para o norte, atingindo Barra do Paraopeba (a partir de 1894) O tráfego ferroviário cessou em junho de 1983 e já em 1984 o trecho ficou sem os trilhos, a ferrovia erradicada, o prédio da estação abandonado...

Em seu livro “Cassiterita” (1996, 167 pp), o escritor Oyama de Alencar Ramalho assim retrata, em fortes traços, a antiga estação de Ibitutinga ou Nuvem Branca:

“Era uma pequena estação ferroviária, quase em cima do km 117 da linha tronco Sitio-Barra do Paraopeba. Seu estilo arquitetônico seguia o padrão das demais construções da Rede Mineira de Viação, a antiga Oeste de Minas; pé direito de mais de cinco metros, paredes dobradas, telhado de duas águas, sendo que, na parte da frente, uma

NOTAS

(1) “O arraial de Santa Rita do Rio Abaixo teve origem no século XVIII. Junto com o surgimento da vila, começou a construção de uma primitiva capela (a partir do ano de 1713). Em 1923, o então arraial teve a sua denominação mudada de Santa Rita do Rio Abaixo para Ibitutinga (Lei Estadual nº 843 de 07-09-1923) Depois, voltou a ser denominado Santa Rita do Rio Abaixo (Decreto Lei Estadual nº 148, de 17-12-1938) Era distrito do município de São João Del-Rei, MG. Com a emancipação político-administrativa através da Lei Estadual nº 2764 de 30-12-1962, ocorreu um lamentável empobrecimento toponímico: deram ao Município recém-criado a equivocada denominação de Ritápolis” “...a partir de 1962, com a emancipação política. Cismaram de rebatizar as terras do outro lado do rio (das Mortes) com o empobrecido e reduzido topônimo de “Ritápolis”. Lamentavelmente, a tradição de uma vila que nasceu no primeiro quartel do século XVIII, sob a inspiração e a santa proteção da monja italiana Rita Lotti (1381-1457) e que se desenvolveu no sentido das correntes das águas do histórico Rio das Mortes, sucumbiu, sem dó e sem piedade, aos modismos dos sufixos “pólis” que um dia cismaram de invadir a bela e tradicionalíssima toponímia nacional” (José Antonio de Ávila Sacramento – <http://www.patriamineira.com.br/index.php?seção>” acesso em 19/03/2018).

sustentação de mãos francesas permitia que o beiral se prolongasse, cobrindo toda a plataforma. O madeirame, todo ele de pinho de riga. Bem ao centro, a agência com bilheteria e portinhola com cancela; no seu interior, a mesa do telégrafo, o marcador e o escaninho de bilhetes, o cofre de segredo, um tamborete, duas cadeiras e um armário grande, abarrotado de formulários e de material de escrita. Na parede, um relógio de pêndulo com algarismos romanos e um emblema de madeira e

metal amarelo com encaixe para três bandeirinhas de filete – verde, vermelha e branca. À meia altura de uma das paredes, havia uma janelinha, que servia de comunicação com a moradia do agente. A casa situava-se do lado do nascente do sol e prolongava-se com o jardim, onde o manacá roxo nunca faltava e o antúrio. Do lado do poente, o armazém, com pesadas portas de correr. No fundo, o quintal com bica de água corrente, canalizada no bambu gigante, derivada do rego que vinha das terras da fazenda Nossa Senhora das Mercês para tocar dois moinhos de fubá; o poço de guardar peixe e um solitário pé de limão galego. No limite do terreno, um arrimo de pedras, endurecido pela erva cidreira e algumas piteiras, sustentava o barranco, sobre o qual se erguia uma antiga e imponente árvore de óleo-bálsamo, cuja copa sombreava a parte do galinheiro. Exceto as pedras do alicerce, que se prolongavam como passeio em frente da porta da cozinha, o restante era chão batido e limpo, varrido com vassoura de alecrim” O autor relembra o trem de passageiros e carga “que passava cinco vezes por semana” e que, quando estava “descendo para o sertão, chegava às 8:57 e seguia viagem às 9:03. Na volta, chegava às 16:16 e saía às 16:22 horas. Duas vezes por semana, transformava-se em expresso, chegava às 4:37 na ida e às 21:21 horas na volta, parando somente um minuto na estação” “A vida social de Nuvem Branca girava em torno do trem de passageiros” Dessa forma, segundo o memorialista Oyama de Alencar Ramalho, grande era a movimentação no entorno da estação. “Não se sabe de onde apareciam, mas sempre havia passageiros para embarcar; se homem, estaria de botina-de-goma, calças de brim rancatoco e paletó cáqui; se mulher, não lhe faltam o vestidinho de chita, o batom, delineando um coraçõzinho no lábio superior e os sapatos escambeteados de meio salto. As malas, se houvesse, eram sempre as de papelão grosso, encapadas de pano listrado” “O negócio do Seu Nogueira fervilhava de matutos, bebendo pinga, fermete ou traçado com acompanhamento de pele de porco torrada, chouriço, doce

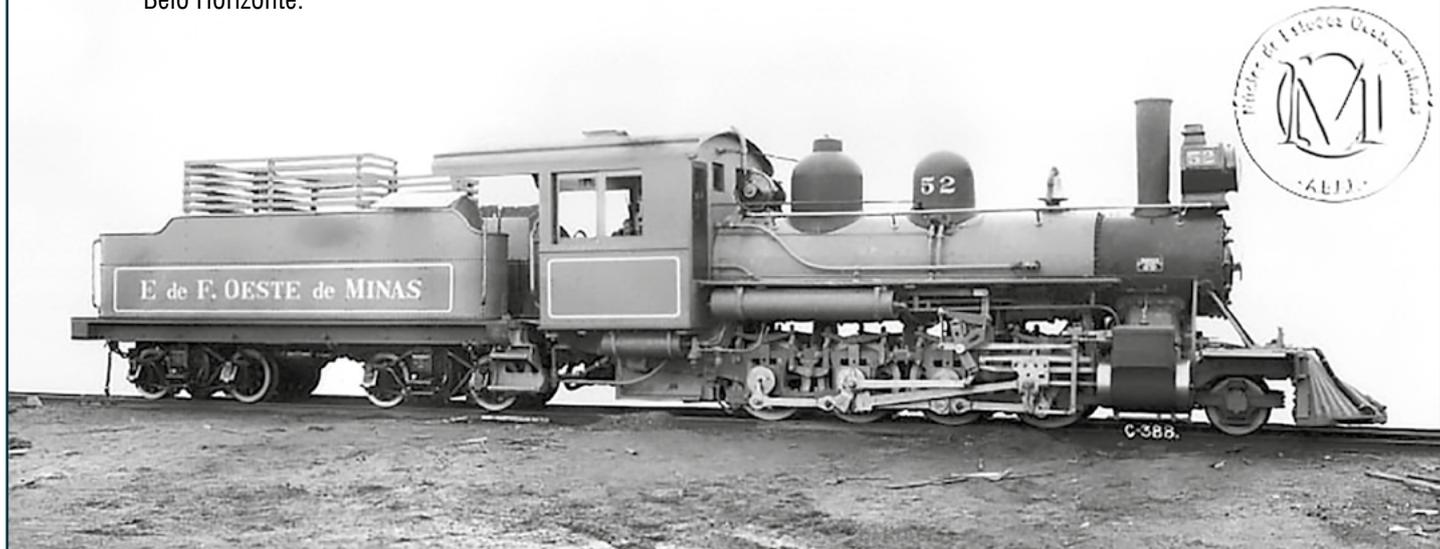
de batata-roxa, pé-de-moleque e rapadura. No cantinho do balcão, sempre havia tempo para queda-de-braço, uma partida de bisca ou de truco, e embalados pelo álcool, todos contavam suas pobres vantagens...” Todavia, “quando o trem apontava na curva, a plataforma tornava-se pequena para tanta gente, andando prá lá e pra cá. Os moços desfilavam defronte dos carros de passageiros à procura de um olhar ou de um sorriso e quando os encontravam, encabulavam-se” Bastava o trem chegar na estação que o Zé Assumpção “embarcava as mercadorias e desembarcava as cargas do trem para o armazém”. Por mais assoberbado de trabalho, Zé Assumpção “era o que menos tinha tempo para conversar, mas era o que mais sabia das notícias” e para realizar todo o seu trabalho tinha apenas “exatos seis minutos”. Esgotado o exíguo tempo “o agente batia o sino, autorizando a partida, o chefe do trem apitava e a máquina, uma Baldwin sonolenta, de Philadelphia, resfolegava seus vapores como se estivesse fazendo um esforço descomunal para arrastar os pesados vagões que se equilibravam na bitolinha de 76 cm.” (Fonte www.patriamineira.com.br – José Antonio de Ávila Sacramento).

“Aquele trem da Estrada de Ferro Oeste de Minas-EFOM era impecável, com seus vagões de madeira, pintados de marrom externamente e no lado interno, uma pintura verde-clara, com poltronas de couro na primeira classe e bancos de réguas de madeira na segunda. Para a primeira classe, havia o fornecimento de um guarda-pó, para se proteger da fuligem da locomotiva. Era um trem lento, cuja fumaça deixava um odor característico no ar e seu apito estridente ressoava pelos campos, pelos bosques e pelas pequenas cidades por onde passava. Durante todo esse percurso, o ruído do trem ia compondo uma melodia cheia de saudade. É o cheiro de Minas com café, é a música de Minas, misturando o ruído dos trilhos, o apito, o badalar dos sinos e as cantorias das beatas” (Dirceu Trindade – “Augusto, o Manganês”, Goiânia/GO, Ed. Trilhas Urbanas, 2018, p. 65).

HISTÓRICO DA LINHA

A Estrada de Ferro Oeste de Minas-EFOM foi aberta em 1880, ligando com bitola de 0,76 m a estação de Sítio (hoje Antonio Carlos) e Tiradentes. Mais tarde foi prolongado até São João Del-Rei (1881) atingindo Aureliano Mourão em 1887, onde havia uma bifurcação com uma linha chegando a Lavras (1888) e a principal seguindo para o norte, atingindo finalmente Barra do Paraopeba (1894) na altura de Morada Nova de Minas. Dali saíam diversos e pequenos ramais.

A linha entre Sítio e Paraopeba tinha a extensão de 602 km e foi extinta aos pedaços. O primeiro deles em 1960 (Pompéu-Barra do Paraopeba) e o último trecho em 1984 (Antonio Carlos-Aureliano Mourão) com exceção do trecho São João Del-Rei a Tiradentes que se acha em atividade, para fins turísticos, até hoje. Também se conserva o trecho Aureliano Mourão-Divinópolis, ampliado para bitola métrica em 1960, ligando Lavras a Belo Horizonte.



Um pouco mais de história da EFOM



A EFOM foi autorizada a iniciar suas atividades pelo decreto imperial n.º 6977 de 20/07/1878 assinado pelo ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas João Lins de Sinimbu e pelo Imperador que aprovou o estatuto da EFOM. O capital da empresa, todo ele nacional (aliás todo ele mineiro em especial pessoas de São João Del-Rei e adjacências), levantado através da emissão de 6.000 ações, totalizando (R\$) 1:200:000\$000. Investimento garantido pela subvenção provincial de 9:000\$000 por quilômetro construído. A EFOM foi a primeira companhia ferroviária sediada em Minas Gerais, em São João Del-Rei, sendo seu 1º presidente o Dr. Aureliano Martins de Carvalho Mourão⁽¹⁾.

A inauguração oficial da chegada dos trilhos a São João Del-Rei foi marcada por pomposa solenidade no dia 28 de agosto de 1881, com a presença do casal imperial e inúmeras altas autoridades, dentre elas o conselheiro Buarque de Macedo, ministro da Agricultura. Ocorreria então infausto acontecimento: o ministro Macedo, que já se encontrava enfermo, veio a falecer, transformando a festa em luto.

A empresa EFOM, criada para contribuir ao progresso socioeconômico da região – identificada nos textos da

época como sertão – tomou, a partir de 1881, quatro medidas estratégicas voltadas para o desenvolvimento regional, objetivando, em especial, através do transporte terrestre, o estímulo ao crescimento da produção e comércio locais, o incremento do fluxo migratório para o oeste de Minas (portanto, crescimento populacional) e consequente aumento da demanda pela ferrovia. Eis as iniciativas:

I – prolongamento das linhas do ramal até Ribeirão Vermelho (49 km);

II – aquisição da concessão da construção da ferrovia entre São João Del-Rei e Oliveira, num total de 172 km, serviço realizado pela empreiteira Castro, Rocha & Cia, cujos proprietários eram Joaquim Leite de Castro e o português Antonio Francisco da Rocha, que dão titularidade a conhecidas ruas de São João Del-Rei.

III – facilitação no transporte de imigrantes para a região;

IV – redução dos preços dos serviços, de forma a estimular o crescimento da demanda pelos serviços de transporte ferroviário.

Nesse mesmo ano (1881), a empresa passou a explorar os serviços de navegação do Rio Grande, contando para tais investimentos com empréstimos junto ao Banco do Comércio e com apoio do governo da Província (Minas Gerais). A partir de 1883, alegando que a Província não havia recebido retorno dos gastos, o presidente Antonio Gonçalves Chaves e ainda o seu sucessor Machado Portella (1886) revogaram as garantias e subvenções de concessão ferroviária com



a Província. O novo presidente da Província Carlos Figueiredo (1887) passou, por sua vez, a apoiar a ferrovia, afirmando que “os esforços serão compensados em futuro próximo” e que “o sibilo da locomotiva já anima regiões fertilíssimas”.

No final de 1889, o governo provincial mineiro concedeu à EFOM a exploração da navegação do rio Grande até a confluência do rio Sapucaí (decreto 9811) e ainda a concessão para construção de ferrovia, bitola de 1,00m entre Barra Mansa (RJ), Ribeirão Vermelho (MG) e Catalão (GO) até o rio Maranhão (decreto 862 de 10/10/1889). Já em 1890, a EFOM tinha uma extensão aproximada de 600 km, na região do rio das Mortes e rio Grande, crescimento este que comprometeu a saúde financeira da empresa, levando-a a tomar empréstimos junto a bancos alemães e ingleses, seguidos de outros investimentos (inclusive um empréstimo feito em 1894 com o governo do Rio de Janeiro no valor de 34:188:000\$000. Na transposição da Serra do Mar, ligação para Barra Mansa, as obras se encareceram, devido ao terreno acidentado, exigindo a construção de 9 túneis e 17 pontes).

Com a crise do Encilhamento⁽²⁾, já no governo republicano, os Estados ganharam maior autonomia fiscal, podendo contrair empréstimos externos e a arrecadação das exportações entre estados. O governo mineiro, dentre eles o de Afonso Pena e Chrispim Bias Fortes, manteve política dúbia para com os investimentos

ferroviários, ora incentivando, ora retirando apoio, nesse caso sob a alegação de grandes sacrifícios públicos e de nenhum retorno aos cofres estaduais, bem como de dilapidação dos recursos oficiais por parte das empresas subvencionadas.

Em 1894, a EFOM transportara 129.312 passageiros e 41.891 toneladas de mercadorias. O movimento de passageiros caíra para 53.381 em 1899, enquanto o de mercadorias e de encomendas subia para 366.288 toneladas, sendo o sal o artigo de maior importação (7.000 toneladas) e café o de maior exportação. Assim, deficitária desde 1898, a EFOM entraria em processo de falência, sendo liquidada em 1900, nas palavras do governador Francisco Bueno Brandão pelas seguintes razões:

- I – não observação dos princípios da ciência econômica;
- II – gastos elevados;
- III – contratação de empréstimos a juros elevados;
- IV – baixo movimento comercial da região;
- V – baixo rendimento do empreendimento;
- VI – falta de auxílio oficial; VII – ausência de madeira para dormentes ao longo da linha.

Viria a ser transferida para o controle oficial em 1901, no governo de Silviano Brandão, contando então 939,5 km de extensão (8 trechos), 208 km de navegação fluvial, 51 estações, 2 rotundas, 46 locomotivas e 378 vagões. O leilão de liquidação da EFOM foi realizado no Rio de Janeiro aos 13 de junho de 1903, sendo adquirida pelo governo federal no montante de 15:600:000\$000. Sob a administração estatal, foi nomeado o Dr. Augusto César de Pinna como seu 1º diretor geral. Este teve que lutar contra greve de operários da Rede (salários atrasados há três anos!!!), com projetos de modernização de toda a infraestrutura, como adequação/padronização de bitolas, substituição de dormentes, a contenção de despesas, ao lado dos esforços para levar a ferrovia a regiões não servidas. Em 1903, a EFOM contava já cerca de 1.100 km de extensão. O presidente do Estado à época, Francisco Salles, descreveu em sua “Mensagem de 1903” a EFOM como uma estrada de grande futuro, sugerindo a equalização de tarifas (de forma a aumentar o fluxo de passageiros e cargas) e ainda “uma política de colonização de áreas, às margens dos trilhos”. A EFOM viria, assim, a se expandir, atingindo Formiga (1905) e com projeto de extensão até Goiás. Em 1911, foi inaugurado o trecho entre Divinópolis e a nova capital Belo Horizonte com ramificações para Pará de Minas e Contagem. Em 1915, foi completado o trecho entre Lavras e Barra Mansa.

Em 1931, os serviços ferroviários passariam para a Rede Mineira de Viação.

(Sobre a história da EFOM, sugerimos a leitura de: “Caminhos de Ferro no Brasil – Estudos Práticos e Econômicos” Luiz Augusto de Oliveira e “A Estrada de Ferro Oeste de Minas – Trabalho Histórico-Descritivo 1880-1922” Múcio Jansen Vaz).

NOTAS

(1) Luiz Augusto de Oliveira, em sua obra “Caminhos de Ferro no Brasil – Estudos Práticos e Econômicos” informa-nos: “Convém aqui fazer bem saliente que, em relação, mais concorreram os menos abastados, tomando uma ação do que os favorecidos da fortuna, subscrevendo alguns cinquenta e cem. Há muitas assinaturas de uma a cinco ações, fato que muito caracteriza a esperança que nela deposita a classe menos rica da cidade de S. João Del-Rei e de seus arredores” (p. 32) Ou seja os maiores acionistas da EFOM foram pessoas simples, moradores de São João Del-Rei e de cidades vizinhas.

(2) Encilhamento – movimento de grande especulação financeira-bolsista nos primeiros anos da República, levando aplicadores, inclusive bancos e financistas, à ruína. No intuito de estimular a industrialização e o desenvolvimento de novos negócios no País, o então ministro da Fazenda Rui Barbosa, que exerceu o cargo por 14 meses (até o dia 20/01/1891), com base no sistema bancário norte-americano, estabeleceu uma política monetária focada na livre emissão de créditos mobiliários. Os bancos

passaram então a liberar empréstimos, sem avaliar as reais condições de pagamento dos devedores. Muitos tomadores desviavam os empréstimos, surgindo um número imenso de empresas-fantasma ou empresas de fachada, que, mesmo improdutivas, deficitárias ou inexistentes, continuavam a vender suas ações na Bolsa de Valores, gerando uma enorme e fraudulenta especulação financeira.

Para financiar o enorme volume de empréstimos, o Governo teve que injetar grandes somas no sistema financeiro, o que provocou profunda desvalorização da moeda e daí a altíssimos índices de inflação. Os problemas causados pela crise do Encilhamento seriam parcialmente solucionados no governo Campos Sales por meio do controle de emissão de moeda e de estímulo ao crescimento industrial do País.

Curiosidade – Praticamente todos os bancos mineiros, inclusive de nossa região (sendo 2 de São Tiago), foram à falência, seja no período do Encilhamento, seja à época da crise de 1929. Trataremos desse assunto em um próximo nº do boletim, ao abordarmos a História Bancária de Minas Gerais

1918-2018

UM SÉCULO DA

“REVOLTA DOS MANGANESES”

Há precisamente um século, deplorável acontecimento marcaria a história local-regional. Os fatos ocorreram principalmente no dia 24 de setembro de 1918, ao ensejo das sacras festividades em honra à padroeira Nossa Senhora das Mercês, envolvendo considerável número de desordeiros, formados por mineradores, designados como “manganezes”, oriundos de várias partes do País e que trabalhavam nas minerações na região (hoje distrito) de Mercês de Água Limpa.

Os manganezes, em grande número, ocuparam a localidade, gerando transtornos e insegurança geral. Com a prisão de seu líder Erasmo Silveira, vulgo “Pernambuco” pelas forças policiais, seus liderados se amotinaram, promovendo, ali e adjacências, distúrbios de toda sorte, saqueando o comércio, invadindo e depredando residências, cometendo abusos de toda ordem contra a população. Sequer as autoridades foram poupadas, tendo que fugir às pressas, inclusive o vigário Pe. José Duque de Siqueira. Não satisfeitos, os sediciosos, aos magotes, marcharam sobre Bom Sucesso, para onde o líder agitador tinha sido transferido.

Com a mobilização das autoridades locais e da população bonsucessense – trincheiras chegaram a ser abertas e barricadas instaladas no entorno da cidade – e com o reforço de tropas e armamentos vindos de Lavras e São João Del-Rei, os rebelados se viram intimidados e se dispersaram.

Com relação ao tema, ainda vivo na memória local, recomendamos a leitura de “História de Bom Sucesso”, autoria de Castanheira Filho; da obra “Padre José Duque e seus causos pitorescos” e ainda de matérias publicadas em nosso boletim nº XX, maio/2009; nº LX, setembro/2012; nº XCVII, outubro/2015.

Não podemos nos esquecer que 1918 foi um ano infausto para nosso povo e nossos antepassados de então, uma vez que fomos assolados, como todo o País, pela “gripe” ou “febre espanhola”, que ceifaria dezenas e dezenas de vidas em nosso meio. Vivíamos ainda os horrores da 1ª Guerra Mundial (1914-1918) com sua mortandade, insanidade e carnificina a ensanguentar o mundo (Sobre a “gripe espanhola” ver matérias em nosso boletim nº CV, junho/2016).

NELSON MANDELA

1918-2018 CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

“Enquanto eu caminhava em direção à minha liberdade, eu sabia que se eu não deixasse minha amargura e raiva para trás, eu ainda estaria na prisão” (Nelson Mandela)

Nelson Rolihlahla Mandela, por cognome Mandiba, foi advogado, líder civil e presidente da África do Sul (1994-1999), Prêmio Nobel da Paz (1993). Nasceu em Mvezo, na província de Cabo Oriental, sudeste da África do Sul aos 18-07-1918. Um ícone da luta contra o segregacionismo, pelo direito de igualdade de direitos civis e em prol das pessoas desfavorecidas. Uma das mais trajetórias mais ricas e complexas do século XX. Foi prisioneiro do violento regime segregacionista sul-africano (Apartheid) entre 1964 a 02-02-1990.

Quatro anos após ser libertado, tornar-se-ia o 1º presidente negro eleito da África do Sul, cargo que ocupou até 1999. Sem derramar sangue, sem revanches, com espírito conciliador, conseguiu desmobilizar o regime racista branco, transformando a África do Sul em uma democracia. Faleceu aos 05-12-2013, aos 95 anos, em Houghton, Joanesburgo, África do Sul, deixando um exemplo de trabalho, em todos os níveis, pela liberdade, igualdade, tolerância. Grandes homenagens são-lhe prestadas ao ensejo dos 100 anos de seu nascimento, não só na África mas em todo o mundo como shows, exposições, torneios esportivos, publicação de livros, debates culturais. Seu rosto sorridente ilustra as novas cédulas de dinheiro impressas e em circulação na África do Sul.

Adepto das ideias pacifistas de Thoreau, Gandhi, Luther King. Chegou a trocar correspondências com Gandhi, que lhe enviara as obras de Thoreau e Tolstói.

Autor de vários livros como “Longa caminhada até a liberdade”, “A luta é a minha vida”, “Cartas da prisão”, “A cor da liberdade – os anos da presidência”, “Conversas que tive comigo” etc. Vários livros e filmes abordam sua vida e sua luta.

ALGUNS PENSAMENTOS DE MANDELA:

•É a nossa luz, não nossa escuridão, que mais nos assusta, nós nos perguntamos: “Quem sou eu para ser brilhante, lindo, talentoso, fabuloso?” Na verdade, quem é você para não ser? Você é um filho de Deus. Você, pensando pequeno, não ajuda o mundo. Não há nenhuma bondade em você se diminuir, recuar para que os outros não se sintam inseguros ao seu redor. Todos nós fomos feitos para brilhar como as crianças brilham. Nós nascemos para manifestar a glória de Deus dentro de nós. Isso não ocorre somente em alguns de nós, mas em todos.

Enquanto permitimos que nossa luz brilhe, nós inconscientemente, damos permissão a outros para fazerem o mesmo. Quando nós nos libertamos de nosso próprio medo, nossa presença automaticamente libertará outros.

•Não há como regressar a um lugar que está igual para descobrir o quanto a gente mudou

•Você não é amado porque você é bom, você é bom porque é amado

•Não me julguem por meus sucessos, julguem-me por quantas vezes eu cai e me levantei novamente. Um campeão é um sonhador que nunca desiste.

•Não se esqueçam de que os santos são pecadores que continuam tentando

•Nascemos para manifestar a glória do Universo que está dentro de nós. Não está apenas em um de nós: está em todos nós. E conforme deixamos nossa própria luz brilhar, inconscientemente damos às outras pessoas permissão para fazer o mesmo – mudar o mundo

•Sonho com o dia em que todos levantar-se-ão e compreenderão que fomos feitos para viverem como irmãos

•Uma boa cabeça e um bom coração formam sempre uma combinação formidável

•Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas facilmente a amar. E o amor entra mais facilmente no coração do que o ódio.

•Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge o seu coração.

•Nosso maior medo não é sermos inadequados. Nosso maior medo é não saber por que nós somos poderosos, além do que podemos imaginar



EPIDEMIAS QUE ASSOLARAM A HUMANIDADE

Ao longo da história, povos e civilizações foram vitimados por grandes epidemias, que deixaram sequelas por vezes catastróficas, estigmas jamais superados. Algumas das epidemias acham-se registradas com ênfase pela história, outras de menor repercussão ou ainda não devidamente esclarecidas.

Vejamos alguns exemplos:

1. “PESTE NEGRA” (EUROPA)

A “peste negra” ou “peste bubônica”, considerada um dos maiores flagelos da humanidade e uma das mais devastadoras pandemias da história humana, teve sua transmissão e dimensão atribuídas ao longo dos séculos, aos ratos, suas pulgas e ainda a piolhos. Sua origem seria asiática, adentrando a Europa no início do século XIV. Doença extremamente contagiosa, dolorosa, causava delírios e manchas negras (daí o seu nome) por todo o corpo. Epidemia cíclica, seu surto maior foi no século XIV, tendo matado cerca de 25 milhões entre 1347 e 1351 em grandes áreas da Europa ou seja um terço de toda a população europeia da época. Repetidos surtos dizimariam populações nos mais diversos países e regiões, nos séculos seguintes, calculando-se um saldo, ao todo, de 75 milhões de mortos causados pela “peste negra”.

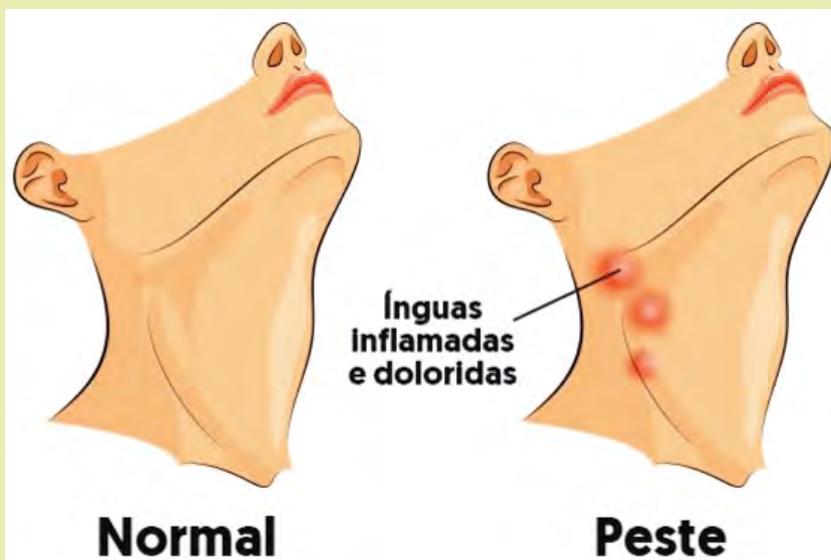
Uma curiosidade: um jovem médico da cidade de Avignon, Michel de Nostradamus, que se dedicara, na década de 1520, a atender heroicamente os doentes da região, (quando todos os demais médicos tinham dali fugido), se tornaria muito conhecido. Utilizava ele técnicas alternativas de tratamento no combate à “peste negra” que consistiam na limpeza do corpo e na ministração de vitamina C aos pacientes, conseguindo assim salvar muitas vidas.

Michel de Nostradamus estudou medicina na conceituada Universidade de Montpellier, tendo ele vastos conhecimentos sobre línguas clássicas, astrologia, ocultismo, alquimia, cabala, hauridos de seus avós. Era dotado de incrível inteligência, memória excepcional, temperamento brincalhão, sempre admirado por professores e colegas de classe. Beneficiado por dons sobrenaturais, tornar-se-ia um dos maiores profetas da história e suas visões e profecias, reunidas em almanaques ou “Centúrias”, são até os dias atuais, motivo de estudos interpretativos e intensas discussões.

Michel de Nostradamus nasceu em Saint-Remy de Provence, ao sul da França, aos 21-12-1503 e faleceu aos 02-07-1566, aos 62 anos de idade.

Estudos recentes realizados por pesquisadores das Universidades de Oslo (Noruega) e Ferrara (Itália), coordenados pelo prof. Nils Stenseth, publicados no periódico científico “Proceedings of the National Academy of Science”, consideram que a disseminação da peste negra se deu, contudo, principalmente a pulgas e piolhos humanos. O prof. Stenseth e colegas realizaram simulações dos surtos da doença em várias cidades europeias, criando modelos onde a praga era/seria disseminada por ratos, transmissão aérea ou por pulgas e piolhos que vivem em seres humanos e em suas roupas. A conclusão é de que o “modelo do parasita humano se encaixa melhor”, refletindo a rapidez com que a praga se espalhou e o altíssimo volume de pessoas infectadas, o que seria improvável se transmitida por ratos. “Teria que ter passado por ciclos extras nos roedores, em vez de se espalhar de pessoa para pessoa”, explica o dr. Stenseth.

A praga, que afeta principalmente os nódulos linfáticos e causa gangrena, ainda é endêmica em algumas regiões da Ásia, África e Américas, tendo a Organização Mundial da Saúde registrado 3.248 casos da doença entre 2010 a 2015, com 584 óbitos. Seu diagnóstico em estágio inicial é difícil, pois os sintomas se parecem com uma gripe comum. Os estudiosos e autoridades sanitárias recomendam a higiene como fator básico preventivo e o combate sistemático a parasitos.



2. FEBRE ENTÉRICA (ASTECAS)

Após a tomada e destruição do império asteca pelos espanhóis, em inícios do século XVI, cerca de 15 milhões de nativos, por volta de 1545 a 1550, morreram, dizimados por estranha e fatal doença, cujos sintomas eram febre, dores de cabeça, sangramento nos olhos, boca e nariz. As pessoas morriam cerca de três ou quatro dias, após o contágio. 80% dos astecas, habitantes dos atuais territórios do México e América Central, seriam assim dizimados.

A doença, denominada pelos locais de “cocoliztli”, que na língua asteca nahuatl, significa “peste”, teve sua causa desconhecida durante séculos. Somente, após cinco séculos, o mistério parece solucionado. Recentemente, pesquisadores do Instituto Max Planck (Alemanha), da Universidade de Harvard (EUA) e do Instituto Nacional de Antropologia e História do México, em estudo publicado pela revista *Nature, Ecology & Evolution* apontaram como causa provável da febre entérica uma variedade da bactéria salmonela, já existente na Europa na Idade Média, trazida para o México e América Central, presumivelmente pelos invasores espanhóis.

Para se chegar a essa conclusão, os cientistas aplicaram uma nova ferramenta, a análise metagenômica chamada Malt, de busca de traços de DNA patogênico antigo, aplicada sobre indivíduos (esqueletos) enterrados em áreas de Teposcolula-Yucundaa, Oaxaca, no sul do México, cujos cemitérios tinham ligações históricas e arqueológicas com a epidemia de 1545-1550. Após análise de DNA em 29 esqueletos, enterrados no local, dez deles apresentaram traços da variedade Paratyphi C da bactéria que provoca a febre entérica, da qual a febre tifoide é uma variedade.

A “cocoliztli”, na opinião da pesquisadora Ashild Vagene, do Instituto Max Planck, foi a “segunda das três maiores epidemias que se tem notícia e que provocaram o imenso número de mortes de seres humanos”. A epidemia mais letal que se conhece foi a peste bubônica ou “peste negra” que matou 25 milhões de pessoas na Europa ocidental, quase 50% da população regional à época, no século 14.

O flagelo “cocoliztli”, que atingiu o império asteca, em áreas hoje que são o México e Guatemala, surgiu duas décadas após uma epidemia de varíola ter matado entre 5 a 8 milhões de pessoas, logo após a chegada dos espanhóis (1517). Uma segunda epidemia “cocoliztli” matou metade da população restante entre 1576 e 1578.

3. ‘GRIPE ESPANHOLA’

Também mencionada como “febre espanhola”, “febre de 1918”, “gripe pneumônica” ou “peste pneumônica”, foi uma pandemia do vírus influenza, até hoje a mais letal da história, que se espalhou por quase todas as partes do mundo em inícios do século XX, já ao final da 1ª Guerra Mundial. Foi causada por uma virulência incomum e frequentemente mortal de uma estirpe do vírus influenza A do subtipo H1N1. Entre 50 a 100 milhões de pessoas foram então vitimadas.

Origens: A origem geográfica da pandemia de gripe de 1918-1919 (“febre espanhola”) é desconhecida. Pesquisas mais recentes apontam o seu início em criações de porcos na China (o vírus da pandemia é relacionado com o vírus da gripe suína, isolado por Richard E. Shope em 1920). A designação “gripe espanhola” se deve aos debates médicos e ao grande noticiário à época na imprensa espanhola sobre o alarmante número de civis que ali adoeciam e morriam, sendo que a Espanha não estava, então, envolvida na Grande Guerra.

A doença foi observada pela primeira vez em Fort Riley, Kansas (EUA) em 04/03/1918 e em Queens, Nova York em 11 de março do mesmo ano. Os primeiros casos conhecidos da gripe na Europa ocorreram em abril de 1918 com tropas francesas, britânicas e americanas estacionadas na França. Em maio, a doença atingiu Grécia, Portugal e Espanha e em junho a Dinamarca e a Noruega. Em agosto, os Países Baixos e a Suécia. Todos os exércitos em luta na Europa foram duramente afetados pela doença, calculando-se que cerca de 80% das mortes do exército americano foram devidas à gripe.

A pandemia, caracterizada mundialmente pela elevada morbidade e mortalidade, especialmente nos setores jovens da população, desenvolveu-se em três ondas epidêmicas: a primeira, mais benigna, terminou em agosto de 1918; a segunda, de extrema gravidade, iniciou-se em outubro indo até janeiro de 1919, afetando quase toda a população e com uma taxa de letalidade de 6 a 8%; a terceira e derradeira, iniciou-se em fevereiro de 1919, encerrando-se em maio do mesmo ano. Calcula-se que tenha matado entre 50 a 100 milhões de pessoas, no que é considerado o mais grave conflito epidêmico de todos os tempos. Somente em Portugal foram cerca de 150.000 mortos.

A “Gripe Espanhola” no Brasil - A doença chegou no Brasil em setembro de 1918, segundo historiadores no bojo do pacote “Demerara”, vindo da Europa. Em poucos dias, a epidemia se espalhou pelos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro e já em novembro de 1918 o vírus chegava à Amazônia. Calcula-se entre 300.000 a 500.000 mortos em nosso País, sendo a doença tão severa que vitimou até mesmo o presidente da República, Rodrigues Alves, em 1919. Outros brasileiros ilustres vitimados foram o futebolista Belfort Duarte e os educadores Anália Franco e Eurípedes Barsanulfo. Em Portugal, inúmeras personalidades igualmente seriam vitimadas, dentre elas Jacinta e Francisco, dois dos videntes das aparições de Nossa Senhora de Fátima.

Em nossa região – Já em 1918, a epidemia chegara à nossa região, atingindo indistintamente a todos os lares, ceifando centenas de pessoas. Em São Tiago, dentre tantas, uma das vítimas foi a sra. Maria dos Anjos de Melo Faria, enfermeira que, junto a D^a Nhanhá Gabet, se dedicaram sacrificialmente a assistir os enfermos locais. Sobre o assunto ver matérias em nosso boletim nº CV, junho/2016 e nº CVIII, setembro/2016 (doenças infecto-contagiosas).



1769-2019 - 250 ANOS DA PASSAGEM DA EXPEDIÇÃO DE INÁCIO CORREIA PAMPLONA POR NOSSA REGIÃO

Em 20 de agosto de 1769, a expedição comandada pelo mestre de campo Inácio Correia Pamplona passou por nossa região a caminho do sertão do Campo Grande para, oficialmente, combater quilombolas e índios rebeldes. Saída da Fazenda do Capote, em Lagoa Dourada, no dia 18 de agosto de 1769, a expedição atravessaria, em nossa região, terras hoje componentes dos municípios de Coronel Xavier Chaves, Resende Costa, São Tiago, Oliveira (incluindo o distrito de Morro de Ferro) etc.

Pamplona comandaria, ao todo, 6 expedições – nos anos de 1764, 1767, 1769, 1773, 1781, 1782 - à região das nascentes do Rio São Francisco e adjacências durante os governos de Luis Diogo Lobo da Silva (1763-1768), José Luis de Menezes Castelo Branco Abranches, Conde de Valadares (1768-1773) e Dom Rodrigo José de Menezes (1780-1783). Pamplona tornar-se-ia um potentado, suserano, um semideus, conquistador e civilizador do sertão, igualado por seus companheiros de jornada e mesmo algumas autoridades coloniais a um personagem mitológico, épico, dado seus propalados feitos guerreiros. Homem que fazia questão de resolver pendências judiciais, prender e punir criminosos, matar inimigos em especial silvícolas, quilombolas e mesmo brancos. A ele são atribuídas inumeráveis arbitrariedades, confiscando terras de posseiros, destruindo povoações sob o pretexto de serem re-dutos quilombolas (na verdade, eram agrupamentos de pessoas simples e pacíficas, geralmente brancos pobres e negros livres).

Visto hoje por muitos historiadores como um ditador e mistifica-

dor, fraudando informações, sendo, portanto, uma personalidade controversa, ambivalente, tendo importante e inegável papel, seja para o bem ou para o mal, no desbravamento e ocupação dos sertões (Centro Oeste, São Francisco e Triângulo Mineiro).

Sabe-se hoje que o objetivo principal das expedições era anexar o Triângulo Mineiro ao território mineiro, mediante o combate aos habitantes do sertão considerados “bárbaros” ou seja quilombolas, gentios e vadios – contra quem foram feitos terríveis massacres - e a exploração de minas e riquezas, com o selo da administração colonial mineira. Inácio Pamplona tornar-se-ia, contudo, mais conhecido – tristemente - como um dos delatores da Inconfidência Mineira. Faleceu em sua chácara no bairro de Matozinhos, São João Del-Rei, em 1810, de forma agoniada e atormentada, como relatam seus escritos enviados a seu filho o Pe. Inácio Correia Pamplona Corte Real.

Entendemos que a passagem da expedição, em seu 250º aniversário, deveria atrair a atenção de pesquisadores regionais e ainda de nossas autoridades públicas, através de organismos como a AMVER, universidades, academias de letras, institutos históricos e geográficos. Daí nossa alerta com relativa antecedência.

Sobre o assunto (Passagem da Expedição de Inácio Correia Pamplona) ver ainda matéria em nosso boletim nº XCVIX, dezembro/2015.

(Fonte: “Quilombo do Campo Grande” – Tarcísio José Martins, pp. 984)



Mapa Conquista de Inácio Correia Pamplona, 1784 - Cartografia das Minas Gerais - UFMG/BH 2002

O ADEUS A JOÃO ALBERTINO DE RESENDE

Nasceu em 08 de novembro de 1953, filho de João Ribeiro Resende e Maria de Lourdes Resende, recebendo o nome de seu avô materno.

Menino ruivo e com cinco irmãs mais velhas, era o xodó da família numerosa composta por 11 filhos – de onde recebeu muito amor. Desde pequenino, aliás, desafiou a vida driblando a morte.

Aos sete anos já ia com seu pai para a roça de madrugada, já que era encantado com esse trabalho pesado e árduo. No entanto, com a mesma idade foi pego por um boi e quase faleceu. Para se recuperar, ficou dias de cama aos cuidados da mãe.

Logo depois, era tempo de ir para a escola. Para livrar-se disso, fez uma casinha de folhas de bananeira no fundo da horta, de onde ouviu a mãe gritando para se arrumar. Ouviu, ficou quieto e feliz porque julgava estar bem escondido. Até que foi descoberto e levou a maior surra da vida – ao menos era a de que mais se lembrava. Assim, não deixou os estudos. E mesmo com dificuldades, dormindo sobre a carteira, concluiu o Ensino Fundamental.

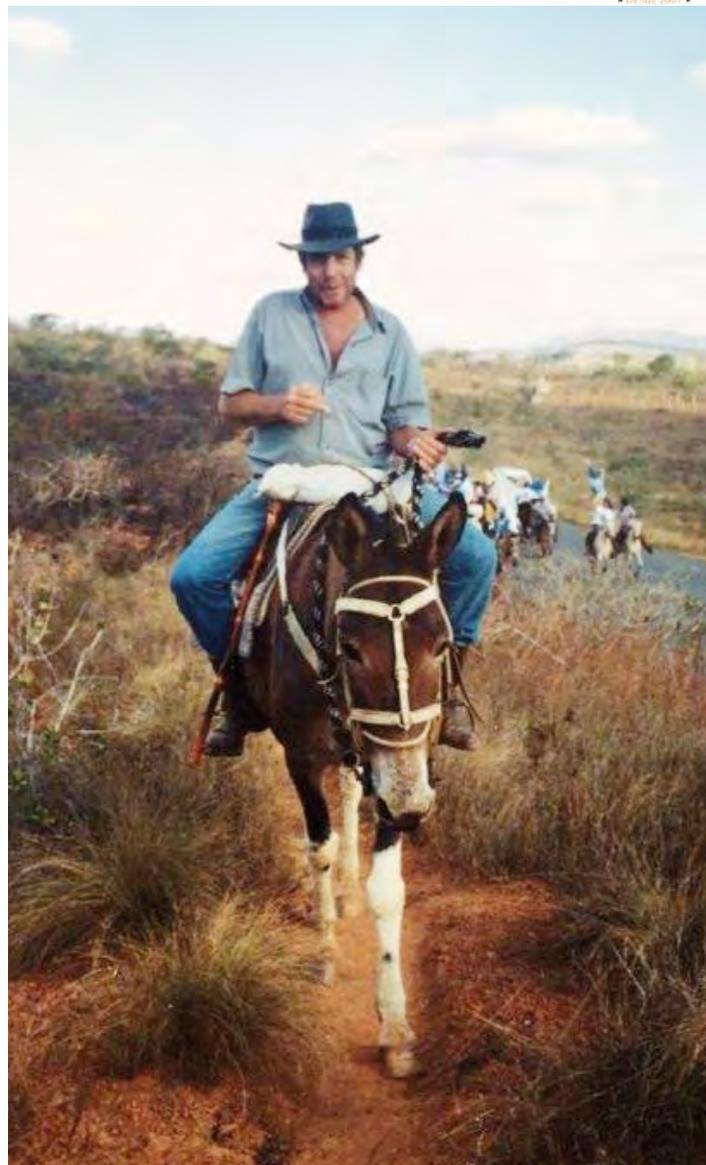
Fora da sala de aula, plantava, colhia, tirava leite, roçava, amansava animais, fazia carretos com seu carro de bois – trabalho hoje quase extinto. Também enchia silos, ajudava nos leilões de gado e era comerciante.

Se Importava com a necessidade da comunidade e tentava ajudar no que podia. Foi ainda um dos idealizadores do Torneio Leiteiro, hoje Exposição Agropecuária de Ritápolis; e sócio-fundador do Tanque de Leite da Associação dos Produtores Rurais na cidade. Atuante, se comprometeu como idealizador das barracões de bambu do Arraial dos Gabiobas e um dos delegados na agência ritapolitana do Sicoob Crediverentes.

Gostava (e como gostava!) de ser solidário e fazer amigos. Para cada um tinha um tipo de cumprimento: “Oi, Sá! Oi, Sô! Oi, primo (a)! Ô, zoreia! Ô, paixão! Ô, meu garoto! Ô, minha menina! Tudo bem contigo? Comigo também”.

Casou-se com 23 anos e teve dois filhos: Fabrício e Chimenne. Aos 44, sentiu uma forte dor no peito e, ao procurar o cardiologista, ouviu que estava com o coração grande. Ficou desesperado porque teve suas forças limitadas para fazer o que tanto gostava: trabalhar.

Buscou ajuda porque amava a vida e não queria partir. E foi então que se submeteu a um transplante cardíaco. Seria a única possibilidade de prolongar um pouco mais seu tempo aqui na terra. Eis que em 09 de janeiro de 2002 foi presenteado por uma



família da cidade de Bom Despacho com o coração de Marcos Eustáquio. Com esse ato de amor ao próximo, pessoas maravilhosas salvaram uma vida – mesmo sofrendo a dor de uma perda.

Depois, com idas e vindas aos médicos, passou a ter vida normal novamente. Voltou a trabalhar e fazer estripulias. Infelizmente, porém, após 10 anos de transplante cardíaco, sofreu um acidente vascular cerebral e, logo em seguida, um infarto cerebral.

Novamente o guerreiro ficou sem andar e passou a falar com dificuldades. Reaprendeu tudo no dia a dia e conseguiu se recuperar quase completamente.

Dentre essas doenças, quebrou a perna, a clavícula, costelas e ainda teve vários carcinomas. Lutou contra tudo, combateu diagnósticos e foi feliz.

Mas, como tudo tem seu tempo, na manhã do dia 22 de julho de 2018, um domingo, levantou-se cedo. Logo depois fez a barba com capricho, tomou banho, vestiu a roupa que gostava e subiu a rua para comprar pão.

Na esquina, parou para descansar e conversou com várias pessoas. Teve então uma parada respiratória e, entre vários parentes e amigos que tentavam reanimá-lo, partiu, deixando muitas saudades e um legado de amor à oportunidade de viver, amar, lutar, fazer a diferença.

Chimene Resende

O DESMANTELAMENTO DAS FERROVIAS NO BRASIL

O desmonte e sucateamento das ferrovias no Brasil tem, segundo estudiosos, suas origens no governo republicano. Washington Luiz, que nos governou de 1926-1930 (ano em que foi deposto pelo golpe de Vargas, a denominada “Revolução de 1930”) tinha como mote “governar é construir estradas” numa época em que sequer tínhamos grandes conglomerados urbanos, 80% da população concentrada no interior e a economia baseada em atividades primárias – café, borracha, algodão – para cujo transporte a malha ferroviária “dava conta”⁽¹⁾.

O governo Juscelino Kubitschek decidiu priorizar a indústria automobilística e expandir as rodovias, com o conseqüente abandono do transporte ferroviário. Os governos militares continuaram a triste obra, privatizando a RFFSA e levando ao ocaso todas as ferrovias. Aliás, o governo JK (1956-1960) foi o mais clamoroso deles, dando incentivos aos montões às montadoras de carros⁽²⁾ abandonando-se por completo a modalidade ferroviária, no que foi seguido, como vimos, pelo regime militar, que fez enormes e equivocados investimentos em rodovias como a Transamazônica. O tiro de misericórdia a esse vital meio de transporte viria, enfim, no governo Fernando Henrique Cardoso, com privatizações às dúzias e às glosas e o abandono total do modal ferroviário.

O Brasil foi o único país do mundo, de dimensões continentais, a promover tal processo de desmantelamento do modal ferroviário, cuja participação na logística de transporte nacional hoje é ínfima (trens de cargas e passeios, metrô, vits etc.). As poucas ferrovias ainda existentes servem com o único e exclusivo propósito de transporte de produtos e bens primários (sua matéria prima principal é o minério), levados em estágio bruto ao exterior e depois comprados por nós semi-acabados ou já prontos. O extrativismo brasileiro, que vem desde Cabral, continua em pleno século XXI...

Uma irresponsabilidade administrativa e histórica imperdoável. Um modelo irresponsável que importamos ou nos foi imposto por grandes grupos econômicos estrangeiros e pelos vendilhões nacionais de sempre. Nossas autoridades foram e continuam sendo influenciadas por lobistas da indústria automobilística, preocupados só com o lucro, com o próprio umbigo, com o imediatismo, daí aos conluios, como é típico do nosso ambiente político-administrativo e dessa forma, hoje, cerca de 60% do transporte de cargas é realizado por caminhões. Veículos que, como sabemos, consomem muito combustível, poluem, causam mais acidentes, destroem o pavimento asfáltico.

Por que se insiste e se priorizam rodovias – Em se tratando de Brasil, o primeiro motivo é o lucro a qualquer custo, dada a economia cartelizada, o antipatriotismo visceral e o clamoroso índice de corrupção e promiscuidade existente entre autoridades, políticos e empresários. Rodovias dão lucros exorbitantes para empresas construtoras, a indústria automobilística (inclusive a de caminhões e veículos pesados), além de pedágios e toda sorte

de impostos sobre veículos automotores. Uma máquina de dinheiro fácil a serviço do capital e do Estado parasitário.

Ferrovias, por sua vez, não oferecem ou exigem grande manutenção. Seu tráfego é descomplicado com baixa poluição sonora e ambiental e se modernizadas como as europeias e as do Oriente, proporcionam – em especial com o turismo – grandes oportunidades de emprego direto e indireto, levando desenvolvimento ao interior, porquanto continuarão transportando mercadorias, produtos pesados, diminuindo distâncias entre pontos estratégicos de produção industrial (carga) e portos (descarga).

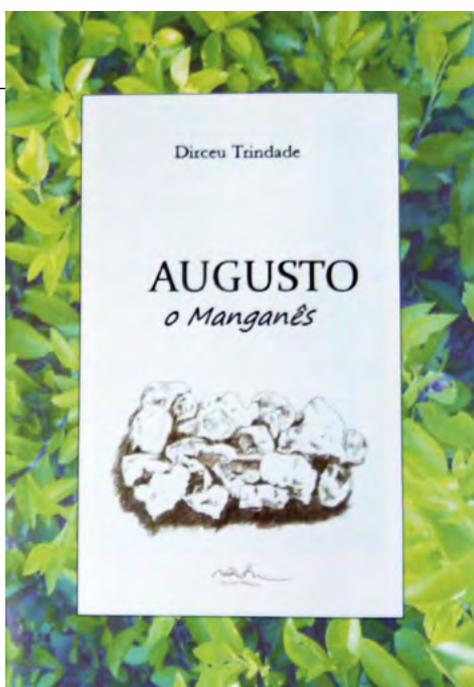
NOTAS

(1) A 1ª estrada de ferro brasileira foi fundada pelo Barão de Mauá, no Império. Uma iniciativa privada, portanto. Historiadores apontam ainda o governo Getúlio Vargas que, em períodos de sua gestão ditatorial, congelou as tarifas ferroviárias, assim como as de transporte urbano, energia, telefone, gás e água. Interferência estatal populista, desrespeitando garantias contratuais e comerciais, criando o “Risco Brasil” que se arrasta até os dias atuais.

A 2ª Guerra Mundial também contribuiria para (se prosseguir) o desmonte de nosso parque ferroviário. Muitas estradas férreas que se achavam nas mãos dos governos da União e Estados ou ainda nas mãos dos ingleses foram sucateadas durante a guerra por excesso de uso, muito além de suas capacidades, não havendo verba para a compra de peças de reposição, muitas delas não encontradas por causa da guerra (material praticamente todo importado). Não havia exportação em função do esforço da guerra e ao seu final, o governo – como sempre – não tinha dinheiro para recuperar a malha e ainda por cima, teve que engolir as que estavam nas mãos dos ingleses (SPR, Leopoldina, Great Western, EF São Paulo-Paraná e EF Ilhéus).

(2) O governo JK escancarou as portas do País à sanha das megacorporações automobilísticas estrangeiras, com o conseqüente sucateamento da malha ferroviária – desativação de trechos considerados “pouco lucrativos”, degradação do maquinário e material, precarização dos serviços oferecidos aos usuários. Uma política antipatriótica, antissocial com objetivos de atender demandas de empreiteiras e a indústria automobilística. A lógica do ganhar dinheiro com asfalto e não com trilhos.

A Nação é a maior vítima das negociatas – a população enfiada em coletivos lotados, condenada a sobreviver e um trânsito caótico que mata e mutila mais do que qualquer conflito armado. E ainda refém de greves e locautes de transportadores. Eis a perversa lógica do capitalismo. Não só o transporte ferroviário, mas igualmente o fluvial e marítimo que poderiam/deveriam atuar como tronco modal, dado o seu baixo custo, ficando o transporte rodoviário como alimentador da rede troncal básica ou como transporte complementar.



“AUGUSTO, O MANGANÊS”

O patriarca, sr. Augusto, como vimos, exerceu inúmeras atividades em nosso meio, dentre elas a de professor na região da “Mina” (Capão das Flores, Fontes, Queiroz, Teixeira etc.), onde nasceram seus filhos, migrando posteriormente (1940) para o Rio de Janeiro, em busca de melhores opções de vida e trabalho para a família. Seja na zona rural e cidades de nosso meio, seja na Capital do País, desenrolam-se preciosos e mesmo instigantes fatos, trazidos à luz, pela inspirada pena do Dr. Dirceu, no transcurso das quase duas centenas de páginas.

Nela tomamos conhecimento da imigração italiana em nosso País e região, em particular da família De Lucca, dados sobre a rede ferroviária EFOM, a estação João Pinheiro (Congo Fino), a fazenda Capão das Flores, a família De Luca (cujos descendentes, lamentavelmente, não conservaram o sobrenome entre nós), o rigor dos colégios internos (em um dos quais estudou – e de lá se evadiu – o jovem Augusto Rodrigues no Rio de Janeiro, refugiando-se no interior mineiro), os bondes e cinemas cariocas, arquitetura, os inventos da época, moda, costumes, lazer, artes, vícios, idiossincrasias, o pitoresco dos produtos comercializados (Gumex, Glostora, Rum, Leite de Rosas, regulador Xavier, Biotônico Fontoura, Emulsão de Scott, Nutregenol, Talco Johnson, etc.), o revolucionário rádio a pilha, os programas radiofônicos da Rádio Nacional e suas vedetes, os vendedores ambulantes, mágicos, palhaços, gazeteiros, farristas, sambistas, cafetões, meretrizes, párias da sociedade, enfim, uma verdadeira aula de história, memória e conhecimento.

Cumprimentos ao autor, Dr. Dirceu e extensivamente ao sr. Adail, depositário e colaborador, sem dúvida, das muitas histórias e façanhas que ornamentam as páginas da valiosíssima obra.

Livro de Dr. Dirceu Trindade lança importantes luzes sobre o passado de São Tiago e Conceição da Barra de Minas.

O livro de memórias “Augusto, o Manganês”, recentemente lançado, de autoria do Dr. Dirceu Lima da Trindade (Editora Trilhas Urbanas, Goiânia, 2018) projeta valiosíssimos flashes sobre a história de nossa região, em especial os municípios de São Tiago e Conceição da Barra de Minas, em inícios do século XX, mormente por sermos carentes de memorialistas no passado da região. O enredo gira em torno à figura central de Augusto Rodrigues de Lima, vulgo “Augusto Manganês”, carioca de origem, que, casado com a são-tiaguense Baptista Maria de Lucca (Tita ou Titinha), aqui prestou inestimáveis serviços à comunidade, trabalhando em mineração de manganês – daí o seu apelido –, em armazém, caixeiro viajante, deixando sua marca registrada, todavia, como professor na região do Capão das Flores e adjacências (povoações e fazendas que hoje compõem os municípios de São Tiago e Conceição da Barra), o que a presente obra resgata e enaltece. Foi ele ainda um dos implantadores e incentivadores do cinema em São Tiago, além de carnavalesco e futebolista (um dos fundadores do Tupinambás F.C. de nossa cidade).

O autor, Dr. Dirceu Trindade, arquiteto e professor universitário em Goiânia (GO), é neto do biografado (Augusto Rodrigues de Lima) e sobrinho do sr. Adail Rodrigues de Lima. Sr. Adail, nosso estimado conterrâneo, que, após décadas de atuação empresarial no Rio de Janeiro, retornou a São Tiago, em meados da década de 1990, aqui se tornando uma personalidade impar, expedito, lúcido, entusiasta da vida e do País, convivendo e participando, na flor e jovialidade de seus 95 anos, ativa e diuturnamente do dia a dia da comunidade. Parabéns ao inestimável amigo e conterrâneo Adail, nosso “vovô garoto”!

A obra, ao longo de suas 186 páginas, reproduz/aflore substanciaosas reminiscências familiares, registros comportamentais e mesmo íntimos sobre os “Rodrigues de Lima” que compuseram e enriqueceram a história de nossa região nas primeiras décadas do século passado e com extensão até os nossos dias. Linguagem fluente, agradável, própria de quem domina – e muito bem – a expressão literária em seu mais alto nível. Nela (a obra) são descritos, com primor, momentos marcantes da vida e vivência familiares, conjugados com fatos e acontecimentos sociais sequenciados, além de efemérides de celebradas personalidades políticas e artísticas da época, tendo como palco, em especial, o Rio de Janeiro, então capital do País. A obra exhibe, pois, uma primorosa “linha do tempo”, enfocando a vida social, comercial, política, artística, literária e glamorosa de nossa região e em especial do Rio de Janeiro nos idos do século passado, conflitos políticos e mesmo guerras do século XX, servindo de indispensável referência para pesquisadores e estudiosos da história local e de nosso País. Nada escapa ao olhar aquilino, panóptico do Dr. Dirceu. Uma verdadeira aula - ou como se diz - “um banho de história”!

CURIOSIDADES FAMILIARES E HISTÓRICAS EXTRAÍDAS DA OBRA:

- Augusto Rodrigues de Lima e Baptista Maria de Lucca casaram-se aos 24-04-1920 em São Tiago, tendo os filhos, nascidos em São Tiago: I. Alaide (nascida aos 04-01-1921, na Fazenda Capão das Flores e falecida no RJ aos 06-03-2002); II. Adail (nascido aos 07-01-1923, em São Tiago); III. Alcéia (nascida aos 15-04-1925, na Fazenda dos Queirós); IV. Aderbal, por apelido “Nhô” (nascido aos 12-07-1927, na Fazenda Fontes e falecido no RJ aos 16-07-2010); V. Arlete (por apelido “Guinha”, nascida aos 25-03-1930 na Fazenda Fontes) VI. Alda (nascida aos 25-07-1932, nascida na Fazenda Fontes); VII. Alceu (nascido em 1935 na Fazenda Floresta e falecido na década de 1970 no RJ).

- D^a Baptista Maria de Lucca era filha de José Maria de Lucca, e Ismênia Francisca de Assis, proprietários e residentes na Fazenda Capão das Flores, em nosso município. A família DE Lucca é oriunda de Veneto, nordeste da Itália. Demais filhos deste casal: Fortunata Maria de Lucca (Natinha) casada com João Misael, tendo 11 filhos: Francisca Maria de Lucca casada com Nhonhô Caputo; Maria Augusta de Lucca.

- Augusto Rodrigues de Lima, nascido aos 12-10-1896, era filho de Manoel Rodrigues de Lima e D^a Giulia (Júlia) de Souza, ela natural de Paraty (RJ), onde nasceu aos 06-06-1877, falecendo aos 03-04-1967 no Rio de Janeiro. O casal, além de Augusto, teve o filho Arthur (1894) Augusto faleceu em janeiro de 1958, vítima de cirrose hepática.



POR MUITO TE AMAR

Upagupta, um renomado místico budista indiano que viveu no século 3 a.C., estando em uma de suas muitas viagens, acercou-se, certa vez, de uma famosa cidade de seu País, em plena primavera. Tal cidade – cercada por uma ampla e quase intransponível muralha - sediava, em sua periferia, um célebre templo em honra à deusa Shiva.

À porta da entrada da cidade, havia uma frondosa árvore que emanava inebriantes perfumes e atraía centenas de insetos, abelhas e aves, decidindo o honorável anacoreta deitar-se e repousar à sua sombra generosa. Ao despertar, deparou, surpreso, com uma jovem de rara beleza que lhe acariciava o rosto e os cabelos.

- “Eu sou a bailarina do templo”, disse-lhe – “Vem comigo à minha casa de ilusões, aqui tão perto. Descubro em ti tanta ternura, exalas um tipo estranho de amor, que me comove, que me extasia. Eu te amo, ó estranho. Vem, pois, sem demora, à minha casa”

Sensibilizado, ele olhou, longa e profundamente, para aquela jovem tão bela e sedutora, mantendo-se, porém, em total silêncio.

Ela prosseguiu: - “Eu sou uma das bailarinas favoritas de Shiva. Tu não sabes como é belo, sensual e ondulante o meu corpo. Vem ao meu lar e eu te darei toda a felicidade e gozo que o prazer pode proporcionar”.

Ele olhou-a novamente com dignidade e, tomado de gratidão, disse-lhe não poder, pelo menos naquele momento; talvez, quem sabe, mais tarde, ele aceitaria o seu convite e viria prazeroso visitá-la. Decepcionada, indignada, a sedutora dançarina afastou-se praguejando.

Dez anos após, o sábio retornou à mesma cidade. Era outono. A então frondosa árvore, à porta da cidade, estava quase despida de folhagem. Os ventos frios e cortantes que sopravam, anunciavam já o duro inverno. O asceta santo olhou em derredor e observou que o local estava diferente.

Do lado de fora da muralha, outrora aprazível, tudo se transformara em um asqueroso depósito de lixo.

Nisso, estupefato, ouviu um gemido que partia de algo que se movia entre trapos miseráveis, em meio ao lixo: era um corpo quase em decomposição cadavérica. Automaticamente, ele acercou-se e percebeu que se tratava do corpo de uma mulher, ali em estertores.

Quando se aproximou, ela gritou, rouquenha:

- “Foge, ó estrangeiro! Tenho a peste. Se me tocares, ou mesmo se te avistarem aqui, expulsar-te-ão da cidade. Deixa-me, por piedade, morrer! Que vieste, afinal, fazer?!”

Ele aproximou-se mais, reconhecendo ali, naquela dolorosa situação, a antiga e bela bailarina, respondeu-lhe:

- “Eu venho atender ao teu convite. Há dez anos, eu estava aqui e me convidaste obstinadamente para ir ao teu lar, lembra-te? Eu sei e reconheço perfeitamente que és a dançarina do templo. Tu me oferecias o licor embriagante do prazer. Então, eu aqui estou para recebê-lo e servê-lo”.

- “Agora, já não tenho mais nada para te oferecer. Foge, deixa-me morrer, porque estou em decomposição. A peste tomou conta de mim, expulsaram-me do templo e da cidade e, terrificados, atiraram-me nesta esterqueira para morrer mais rápido”.

Ele dobrou-se, tomou-a, reverentemente, nos braços e respondeu-lhe, sussurrando:

- “Não posso fugir. Eu te amo. Tu me dissesse, naquele dia fugaz, que me amavas. Seria, decerto, um amor como o de uma labareda momentânea, que se apagaria logo depois. Eu vi nos teus olhos a presença da sede do amor e a partir daí, em silêncio e à distância, te amei profusamente. Agora, que nos reencontramos, dorme, confia, repousa nos meus braços”.

Ergueu-a, estreitou-a de encontro ao peito e saiu. Chorosa, ela exclamou:

- “Tenho tanta vergonha de ti. O meu corpo não serve para mais nada”

Ele, todavia, concluiu, emocionado:

- “Dá-me a tua alma e viajaremos pelos caminhos do infinito, na direção da imortalidade, na busca da plenitude – pois, eu voltei a reencontrar-te, por muito te amar...”

(Adaptado de um conto de Rabindranath Tagore)